

# Revista Andina de Estudios Políticos

ISSN: 2221-4135

<http://www.iepa.org.pe/raep>

Moraes, Thiago Pérez Bernardes de & Pérez de Moraes, Suelen Patrícia Alves Maia (2016). “Seeing is believing”. Opinião pública, enquadramento midiático do *NYT* e Política de audiência. *Revista Andina de Estudios Políticos*, Vol. VI, N° 1, pp. 121-141.

**Artículo Publicado por: Instituto de Estudios Políticos Andinos – IEPA**

[www.iepa.org.pe](http://www.iepa.org.pe)

Todos los Derechos Reservados

El presente producto está licenciado por Creative Commons. El Instituto de Estudios Políticos Andinos se reserva el derecho de publicación de los artículos. Cada uno de los artículos es publicado con los permisos correspondientes de los autores. La Revista Andina de Estudios Políticos es una revista publicado bajo la plataforma OJS que garantiza la distribución del presente artículo de manera libre y gratuita.

## “SEEING IS BELIEVING”. OPINIÃO PÚBLICA, ENQUADRAMENTO MIDIÁTICO DO *NYT* E POLÍTICA DE AUDIÊNCIA

“SEEING IS BELIEVING”. PUBLIC OPINION, MEDIA FRAMING OF THE  
*NYT* AND HEARING ROOM POLITICS

Thiago Perez Bernardes de Moraes  
Universidad Argentina John Fitzgerald Kennedy

Suelen Patrícia Alves Maia Perez de Moraes  
Centro Universitário Internacional de Curitiba

### Resumo

A pergunta que norteia este estudo é: as publicações do *The New York Times* influenciam a opinião dos americanos sobre políticas de audiência? Pressupõe-se que quanto maior for o volume de publicações no *NYT* sobre política de audiência, mais favorável será a opinião dos americanos frente a esta classe de temas. Para testar esta hipótese foram utilizados dados do *Gallup Institute* (sobre a opinião pública dos americanos) e dados gerados com o *Chronicles* (referente às publicações do *NYT* sobre maconha, casamento gay e aborto). A hipótese mostrou parcial aderência visto que se constatou evidência significativa de influência do *NYT* sobre a opinião dos americanos frente aos temas maconha e casamento gay, entretanto, não foi visualizada esta relação quanto ao tema aborto.

**Palavras-chave:** Opinião Pública. *The New York Times*. Maconha. Casamento Gay. Aborto.

### Abstract

The question that guides this study is: publications from *The New York Times* influence the opinion of Americans about hearing policies? It is assumed that the higher the volume of publications in the *NYT* about audience, more favorable policy will be the opinion of Americans in the face of this class of topics. To test this hypothesis, we used data from the *Gallup Institute* (on public opinion of Americans) and data generated with the *Chronicle* (concerning publications of the *NYT* about marijuana, gay marriage and abortion). The hypothesis showed partial grip since it found significant evidence of influence from the *NYT* about the opinion of Americans face the themes marijuana and gay marriage, however, was not viewed this relationship about the abortion issue.

**Keywords:** Public opinion. *The New York Times*. Marijuana. Gay Marriage. Abortion.

---

**Thiago Perez Bernardes de Moraes:** Doctor en psicología social por la Universidad Argentina John Fitzgerald Kennedy (UAJFK), politólogo, es profesor en el Centro Universitario Campos de Andrade (UNIANDRADE). Contacto: [thiagomoraessp@hotmail.com](mailto:thiagomoraessp@hotmail.com).

**Suelen Patrícia Alves Maia Perez de Moraes:** Licenciada en periodismo con MBA en gestión de campañas electorales en el Centro Universitario Internacional de Curitiba. Contacto: [suelen.mo@uninter.com](mailto:suelen.mo@uninter.com).

## “SEEING IS BELIEVING”. OPINIÃO PÚBLICA, ENQUADRAMENTO MIDIÁTICO DO NYT E POLÍTICA DE AUDIÊNCIA

### Introdução

Um dos fatores mais consideráveis do mundo político é a comunicação entre governantes e governados onde o primeiro está incumbido sempre de buscar um acordo com o segundo. Todavia, não é fácil entender o ritmo da opinião pública, nem tampouco os fatores endógenos e exógenos que podem compor esta equação.

O seguinte trabalho focou-se em apenas uma variável independente da formação da opinião pública, o comportamento dos *mass media*. Nesse ponto, a seguinte pesquisa objetivou responder a seguinte pergunta: o volume de publicações do *The New York Times* afeta a opinião pública dos americanos sobre “políticas de audiência”? Considerando que o *NYT* é um jornal declaradamente liberal, levantou-se a hipótese de que, quanto maior é o volume de publicações no jornal de temas relativos a políticas de audiência, mais favorável será a opinião dos estadunidenses em relação a estes temas.

Para testar a hipótese foram utilizadas duas fontes de dados: 1) dados do *Gallup Institute*, sobre a evolução histórica da opinião pública dos americanos em relação aos temas maconha, casamento gay e aborto; e 2) dados gerados a partir da ferramenta *Chronicle* que mensuram o volume de publicação anual de matérias no *The New York Times* sobre esses mesmos temas. Identificou-se que o *The New York Times* exerceu significativa influência sobre a favorabilidade dos americanos frente aos temas legalização da maconha e do casamento gay, entretanto, não se evidenciou nenhuma influência do jornal sobre o tema legalidade do aborto, o sinaliza que a hipótese é parcialmente aderente.

A seguir, o artigo se divide em cinco partes. Na primeira, traçamos um diálogo sobre o que é política de audiência e porque os temas casamento gay, maconha e aborto se inserem nessa linha. Na segunda parte desse trabalho traçamos uma breve argumentação sobre a importância do *The New York Times* na formação da opinião pública dos estadunidenses. Na terceira parte descrevemos os procedimentos metodológicos enquanto que na quarta nossos resultados. Por fim na última parte traçamos nossas considerações finais.

### Política De Audiência (Hearing Room Politics)

A comunicação política é um processo contínuo de troca de informações entre os indivíduos e os grupos atuantes em torno das políticas públicas, em todos os níveis. Um dos fatores mais notáveis para o mundo político é a comunicação e ou a troca de informações entre governantes e governados, onde cabe ao governante a posição de sempre buscar um acordo. Assim sendo, percebe-se que a comunicação corresponde a uma condição fundamental do sistema político, e nesse ponto, pode-se

considerar que existem três classes de comunicação (Cotteret & Emeri, 1974), conforme apresentado na Tabela 1.

**Tabela 1. Três classes de comunicação política**

<b>Comunicação pelos mass media</b>	<b>Comunicação por organizações</b>	<b>Comunicação por contatos informais</b>
Representa basicamente a comunicação feita pelos meios impressos, televisão, rádio, cinema, dentre outros.	É a comunicação feita por partidos político, sindicatos, federações, dentre outros atores.	É o modo de comunicação que prevê um nível mais interativo de troca de informações, como nas relações “face a face” entre os indivíduos.

Fonte: Adaptado a partir de Cotteret & Emeri, 1974.

O foco principal deste estudo é a comunicação de informações políticas veiculadas pelos *mass media*. Entretanto, não se descarta que os outros níveis de informação tenham influência sobre a opinião pública, como por exemplo, a comunicação por contatos informais que tende a se tornar cada vez mais ampla com a internet e a ascensão de novas tecnologias. De toda forma, os formadores de opinião, que são afetados pelos *mass media*, são importantes interlocutores dentro da comunicação de contatos informais, o que indica que existe um nível de simbiose entre as classes de comunicação política.

Gormley trouxe um ponto novo para as tipologias de políticas públicas: o fator saliência. Para Gormley, o nível de saliência (a capacidade de chamar atenção de um público geral ou específico) e o nível de complexidade demandado pela política, representam uma intersecção de análise muito importante para a ciência política. Nessa perspectiva um assunto é saliente quando tem meios de afetar, de forma direta ou indireta, a atenção de um grande número de indivíduos. Já a complexidade é definida pela necessidade (ou não) de especialistas e técnicos para gerar respostas (Gormley, 1986; Secchi, 2012).

**Tabela 2. Tipologia de análise de políticas públicas de Gormley**

		Complexidade	
		Alta	Baixa
Saliência	Alta	Política de sala operatória ( <i>operating room politics</i> )	Política de audiência ( <i>Hearing room politics</i> )
	Baixa	Política de sala de reuniões ( <i>board room politics</i> )	Política de baixo calão ( <i>street level politics</i> )

Fonte: Elaboração dos autores a partir de Gormley, 1986.

Nesta pesquisa buscou-se estudar a relação entre o volume de publicações de temas relacionados a políticas de audiência no *The New York Times* e a opinião pública dos norte-americanos.

Nesse sentido, define-se que política de audiência, como proposto por Gormley diz respeito à determinada política que em alguma medida é simples, no aspecto estrutural, mas que gera por sua vez, um grande nível de interesse público, ou seja, geram significativo nível de atenção em um grande número de pessoas, o que faz desse tipo de política algo atrativo tanto para os políticos, como para a mídia. Gormley afirma que, se um analista político pode enquadrar determinada política dentro deste esquema conceitual apresentado na Tabela 2, é provável que se possa a partir disso prever em algum nível o comportamento dos burocratas, políticos, cidadãos, meios de comunicação e também, patologias que podem surgir no decorrer do processo decisório. Nesse diapasão, compreende-se a política pública como variável independente e a dinâmica política como variável dependente (Secchi, 2012).

Para este estudo foram selecionados três temas<sup>1</sup> que são considerados *hot issues* das políticas do tipo *Hearing room politic*, sendo eles: 1) legalização do casamento gay; 2) legalização do aborto e 3) legalização da maconha.

---

<sup>1</sup> Outra tipologia interessante para o estudo de políticas públicas é a de Bozeman e Pandey, eles preveem que há dois tipos mais ou menos definidos de políticas públicas: 1) políticas de conteúdos eminentemente técnicos e 2) políticas de conteúdos eminentemente políticos. Claro que, na maior parte dos casos, durante o ciclo de criação de políticas públicas há uma alternância na ordem, por exemplo, pode-se se dar na fase inicial de estudos um enfoque mais voltado aos pareceres eminentemente técnicos, todavia, passada essa fase inicial a política

### ***Legalização da Maconha***

A legalização do uso da maconha ganhou nos últimos tempos um espaço significativo no agendamento midiático, e a tendência é que este assunto seja abordado cada vez com mais frequência, visto que, a maconha legal já representa a indústria que mais cresce nos EUA. A capital americana, Washington – DC é o mais recente local nos EUA a legalizar o uso recreativo da maconha, juntando-se aos estados de Washington, Colorado, Oregon e Alasca.

De todo modo, desde 1970, quando a maconha foi classificada pelo governo federal dos Estados Unidos como uma substância Classe I, sob o regimento da Lei de Substâncias Controladas, a legalização da maconha tem sido um tema de muito debate, sempre presente nas agendas da mídia e dos políticos. É interessante notar que a legalização da maconha gera um impacto positivo sobre o orçamento público por conta da tributação, e também, existem evidências de que o preço da maconha seja inferior nos Estados onde a posse e a venda são práticas legais (Wang, 2015).

Em alguns estados como Nova York e Califórnia, o uso da maconha só é permitido para fins medicinais, essa prática teve início na Europa em 1799, e só chegou aos EUA após 1844, através do médico inglês William O’Shaughnessy. Na década de 60 com o movimento *hippie* a utilização recreativa da *cannabis* se tornou um meio de mostrar uma “revolta” contra o sistema o que não foi bem visto por vários setores da sociedade, inclusive influenciou a queda de produção científica a respeito do tema, chegando a sua proibição em 1971 na Convenção das Nações Unidas (Ribeiro, 2014).

Outros estados americanos já estudam a possibilidade de descriminalizar o uso da maconha, pois aferiram por meio de consultas que a população é favorável a decisão. Além disso, nos Estados em que o uso da maconha já é legalizado observa-se ganhos significativos, tanto com a diminuição de gastos que seriam utilizados no combate ao tráfico, quanto na arrecadação de impostos. (Berlinck, 2014).

### ***Legalização do Aborto***

Apesar da prática de aborto ser algo recorrente, há pouca pesquisa sobre a experiência das mulheres nesse tipo de prática. Tanto as razões que levam a mulher a praticar um aborto como as consequências do mesmo são multifatoriais, envolvendo tanto os aspectos sociais quanto psicológicos, o que exige dos cientistas sociais grande esmero para estudar este assunto (Kirkman, Rowe, Hardiman & Rosenthal, 2011). Foge do escopo deste trabalho esmiuçar todas as arestas desta questão, mas é importante considerar que de alguma forma a legalização do aborto, não só nos Estados Unidos, mas

---

pode se revelar como fortemente política no momento da tomada de decisão (Secchi, 2012). Nesse sentido, considera-se que não só as três *Hearing room politics* aqui estudadas, mas todas as políticas desse tipo, em larga medida podem ser consideradas como de cunho eminentemente político dentro da ótica de Bozeman e Pandey.

em todo o mundo, representa uma possível política de saúde e também antes disso, um caso relacionado diretamente aos direitos humanos<sup>2</sup>.

O aborto nos EUA (e possivelmente em quase todos os lugares do mundo) é um tema que inflama debates públicos intensos, e pode ser considerado, um divisor de opiniões. Entretanto, isso nem sempre foi assim. Nos primeiros anos da república o aborto era legal sob as leis comuns da colônia, algo que se perpetuou nas leis comuns americanas. A única condição era que a gestação só poderia ser interrompida antes da percepção de movimentos do feto, mais ou menos na metade da gravidez. Este instrumento era um recurso utilizado, sobretudo, por mulheres que eram enganadas por “falsos pretendentes”, ou que se envolviam em relacionamentos ilícitos. Nas décadas de 1830 e 1840, para se ter uma ideia, os profissionais que realizavam abortos anunciavam seus serviços na imprensa diária, além disso, haviam também propagandas de remédios abortivos. Ao que parece, essa realidade começou a mudar por pressão da Associação Médica, fundada em 1847. Desde a metade do século XIX até praticamente metade do século XX, os abortos continuaram a ocorrer, entretanto, de forma clandestina. Com a emancipação das mulheres nas décadas de 50 e 60 começou a se formar um debate social e político em torno do tema (Kormondy & Brown, 1998).

Ocasionalmente a legalização do aborto em 1973, quando a Suprema Corte Americana ao julgar o caso *Roe vs. Wade* entendeu que privar a mulher da decisão de manter ou não a gestação violava o direito à privacidade, abrindo assim precedente para tornar as leis que criminalizassem o aborto inconstitucionais (Bertoldi, Pereira, Christino, Cordeiro, Lopes & Santos, 2014). Essa decisão afetou mais da metade da legislação estadual que regulamentava a prática do aborto, e polarizou a sociedade

---

<sup>2</sup> Estima-se que todos os anos cerca de 42 milhões de mulheres no mundo têm gravidez indesejada e buscam o aborto, deste montante, cerca de 20 milhões de abortos são feitos por indivíduos sem nenhum tipo de experiência, habilidade e/ou em ambientes abaixo dos mínimos padrões médicos. A grande maioria dos abortos de risco (97%) é perpetuada em países ainda em estágio de desenvolvimento. O pior disso tudo é que se estima que pelo menos 68.000 mulheres morram todos os anos em consequência dos abortos inseguros, sendo as principais causas de morte: hemorragias, infecções e intoxicações. Por conta disso, o aborto, é uma das principais causas de morte materna (13%). Além disso, das mulheres que sobrevivem a um aborto feito de forma irregular, pelo menos 5 milhões delas têm algum tipo de complicação, sendo muitas vezes permanente (Grimes, Benson, Singh, Romero, Ganatra, Okonofua & Shah, 2006; Sedgh, Henshaw, Singh, Áhman & Shah, 2007). Governos de todo mundo investem na disponibilidade de métodos contraceptivos modernos, que por sua vez, podem reduzir significativamente a necessidade do aborto, todavia, em hipótese alguma tal necessidade é eliminada por completo. Nesse sentido, a experiência internacional, como a documentada na Romênia, no regime do presidente Nicolae Ceausescu, mostra claramente que o acesso ao aborto seguro resguarda de forma eficiente a saúde das mulheres. Por conta disso, é perceptível que o acesso ao aborto legal é, por assim dizer, um direito fundamental de todas as mulheres do mundo, independente da região onde vivem (Andrei & Branda, 2015). Ocorre, porém que, o fato de muitas jurisdições locais de países preverem o aborto como ilegal, impede o acesso das mulheres ao aborto seguro e em última instância inviabiliza a consagração deste direito fundamental.

americana em dois subgrupos<sup>3</sup>: os *Pro-life*<sup>4</sup>, defensores do direito à vida em qualquer circunstância, totalmente contrários ao aborto; e os *Pro-choice*<sup>5</sup>, de viés mais liberal, favoráveis ao aborto e defensores da liberdade individual da mulher (Cabral, 2014).

Entretanto, embora a descriminalização do aborto tenha resultado na diminuição das mortes maternas e que o serviço de aborto oferecido pelos EUA sirva de exemplo para outros países (Rochat, 2014), a reprovação à prática do aborto, bem como, o número de leis com intuito de restringi-lo tem aumentado, o que pode ser explicado pelo fato de grande parte dos Estados americanos serem governados pelo Partido Republicano, conservador e declaradamente contrário ao aborto (Bertoldi, Pereira, Christino, Cordeiro, Lopes & Santos, 2014).

### ***Legalização do Casamento Gay***

Em 26 de junho de 2015 a Suprema Corte reconheceu a legalidade do casamento homoafetivo que ainda era proibido em 4 dos 50 estados americanos, entre eles: Kentucky, Michigan, Ohio e Tennessee (Globo.Com, 2015). Essa memorável decisão contou com ampla cobertura midiática e gerou grande repercussão online em sites como *Twitter* e *Facebook*, principalmente pela participação de celebridades como Barack Obama, Hillary Clinton, Mark Zuckerberg, entre outros, que comemoraram a decisão em suas redes sociais.<sup>6</sup>

Desde os anos 50 já existiam movimentos que lutavam por igualdade e contra o preconceito aos homossexuais, entretanto, observa-se que a forte interferência religiosa nas decisões políticas, os governos conservadores, além de outros fatores como o surgimento da Aids<sup>7</sup>, por muito tempo

---

<sup>3</sup> Em alguma medida, a pesquisa empírica até então existente permite afirmar que a auto identificação dentro do espectro *Pro-life* – *Pro-choice*, é por assim dizer uma extensão de sua identificação partidária (Mcbride & Parry, 2014).

<sup>4</sup> Historicamente os católicos estabeleceram as primeiras organizações anti-aborto nos Estados Unidos na década de 1960. A Maioria deles eram democratas, liberais, que eram estimulados a participar ativamente em campanhas de defesa do nascituro baseados em direitos que estavam alinhados aos princípios do *New Deal* liberal. Entretanto, no final dos anos 1970, os protestantes evangélicos aderiram em massa ao movimento o que levou a uma reformulação da causa *pro-life*. Nesse ponto, estabeleceu-se uma campanha conservadora não ligada aos ideais de direitos humanos, mas sim, a uma ordem moral de “valores familiares” (Williams, 2015). Basicamente o termo *Pro-life* refere-se a um movimento que insiste que o governo tem a responsabilidade de proteger toda vida humana, independente da viabilidade disto (Freed, 2015).

<sup>5</sup> *Pró-choice* em sentido simples pode ser definido como uma campanha política e social pouco estruturada que em resumo apóia o direito constitucional das mulheres ao aborto seguro e legal. Muitos dos americanos, mesmo apoiando de certa forma o aborto, são relutantes em se identificar como pró-choice (Freed, 2015).

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticia/2015/06/suprema-corte-dos-eua-reconhece-a-legalidade-do-casamento-homossexual-em-todo-o-pais-4789664.html>>. Acesso em: 25 de set. 2015.

<sup>7</sup> O surto da epidemia da Aids aconteceu na década de 80 e foi diretamente associado aos homossexuais, que já não detinham grande aprovação por parte da sociedade americana e na época viviam o governo conservador de Ronald Reagan, o que ocasionou o enfraquecimento dos movimentos LGBT e os levou a incluir em suas pautas não só o fim do preconceito, mas também a existência de políticas públicas para o tratamento de pessoas acometidas pela doença (Ferraz, 2015).

tiraram a credibilidade desses movimentos e contribuíram para que esse embate se perpetuasse por décadas (Ferraz, 2015).

É interessante listar quatro pontos destacados da pesquisa social sobre o casamento gay e a opinião pública nos Estados Unidos: 1) a opinião pública não é fundamentada exatamente em uma racionalidade, mas sim, é uma variável dependente do ânimo e da forma com que o tema está enquadrado nas agendas da mídia e da sociedade; 2) a possibilidade de oficializar o estado civil de casais do mesmo sexo traz benefícios indubitáveis ao casal; 3) a variação estadual das leis regulamentárias do matrimônio colocou (até 26 de junho de 2015) em situação de fragilidade os casais do mesmo sexo (Powell, Quadlin & Pizmony-Levy, 2015).

### **The New York Times**

O *The New York Times* foi fundado em setembro de 1851 por Henry Jarvis Raymond e George Jones, ambos jornalistas e defensores dos ideais republicanos. Contudo, em 1896, Raymond e Jones imersos em dívidas se viram obrigados a vender o jornal, fato que mudou por completo a trajetória e o futuro do *NYT*, que foi comprado na época por Adolph Ochs, dando início a dinastia da família Ochs-Sulzberger que permanece no comando do jornal até os dias atuais (Lima & Filho, 2012). Logo após assumir o controle do *The New York Times* e com intuito de salvá-lo da falência, Adolph Ochs, utilizou de toda sua experiência<sup>8</sup> no ramo jornalístico para reformular o jornal, que em seu novo formato perdeu seções de entretenimento como os folhetins de ficção românticos e deixou de dar espaço a boatos sensacionalistas, indo na contramão do que faziam os outros jornais da época (Lima & Filho, 2012).

Por conta dessa postura o *NYT* sofreu com a falta de recursos durante a guerra hispano-americana em 1898, a fim de escapar de outra crise Ochs optou por reduzir o preço do jornal, atitude que viabilizou não apenas o aumento das tiragens como também gerou a ascensão nos lucros com publicidade. (Paganotti, 2010).

A decisão ousada de Ochs foi assertiva e permitiu que o *NYT* sobrevivesse, tornando-se um dos mais importantes jornais estadunidenses e também um empreendimento familiar. Quando Ochs faleceu, sua única filha Iphigene Ochs Sulzberger e seu genro Arthur Hays Sulzberger assumiram o jornal e também o compromisso de se manter fiel aos valores defendidos por Adolph no início do *NYT*. Pouquíssimo tempo depois de assumir o jornal, Arthur Hays Sulzberger, faleceu, dando assim a Arthur Ochs Sulzberger, seu único filho com Iphigene, a chance de estar à frente dos negócios da

---

<sup>8</sup> Muito antes de se tornar dono do *The New York Times*, Ochs já havia trabalhado nos jornais *Knoxville Chronicle*, do Tennessee e *Louisville Courier-Journal*, em Kentucky. Além disso, ele foi dono do *Chattanooga Times*, também no estado do Tennessee (Lima & Filho, 2012).

família. Arthur permaneceu no comando do *The New York Times* por décadas, aposentou-se em 1922 e desde então seu filho Arthur Ochs Sulzberger Jr. é quem está no comando.

A credibilidade e resistência do *The New York Times* frente ao surgimento dos novos meios de comunicação podem ser atribuídas, em parte, a essa tradicional administração familiar que já dura há mais de um século. Além disso, outros fatores contribuíram para que o *NYT* ganhasse notoriedade, entre eles podem-se destacar os investimentos feitos para montar uma rede de correspondentes, enquanto os outros jornais eram dependentes do conteúdo vindo das agências de notícias e órgãos oficiais. O fato de o *NYT* possuir jornalistas espalhados pelo mundo produzindo conteúdo exclusivo garantiu uma série de furos de reportagem e foi um grande diferencial na cobertura da I Guerra Mundial, a qual garantiu o primeiro de seus 128 prêmios Pulitzer<sup>9</sup> de jornalismo (Golan, 2006; Paganotti, 2010).

Ainda hoje, o fato de o *NYT* ocupar lugar de referência no jornalismo mundial e ter tanta visibilidade advém de sua cobertura internacional, aliás, o público internacional, que atualmente representa 13% das assinaturas digitais no site do *The New York Times*, é um alvo em potencial e que vem sendo explorado a fim de aumentar os rendimentos da empresa com assinaturas digitais. Entretanto, acredita-se que a grande influência do *NYT* não só nos EUA, mas no mundo, se deve principalmente ao seu público fiel, composto por notáveis formadores de opinião<sup>10</sup>, como presidentes, congressistas, entre outros (Paganotti, 2010).

Embora o *Times*, em seu início tivesse se lançado como uma promessa de um veículo totalmente imparcial, hoje apresenta-se como liberal, fato que fica claro no enfoque dado aos temas abordados em suas notícias, bem como em seus artigos de opinião. Quanto ao posicionamento político do jornal, uma pesquisa aferiu que os eleitores democratas, em número muito maior que os eleitores republicanos costumam se identificar com abordagem política do jornal (Paganotti, 2010). Nesse sentido, existem evidências empíricas que permitem dizer que na maior parte da história do jornal, houve uma tendência de favorecimento da imagem do Partido Democrata. Por exemplo, em períodos onde estavam no poder presidentes republicanos, o *The New York Times* deu mais ênfase a temas onde os democratas são percebidos como mais competentes (saúde, política de emprego, bem-estar social e direitos civis). Existe nesse ponto solidez na hipótese de que o *The New York Times* é

---

<sup>9</sup> O Prêmio Pulitzer é administrado pela Universidade de Colúmbia e é concedido a trabalhos de excelência nas áreas de: jornalismo, literatura e música.

<sup>10</sup> Os formadores de opinião se caracterizam por traços diversos: parecem mais e melhor informados que os indivíduos de seu círculo social; estão muito atentos as informações; de forma geral buscam muitas informações nos meios de comunicação. Considerando a lógica de Lazarsfel, Berelson e Gaudet, podemos prever a ocorrência de dois fluxos contínuos (*two-step flow of communication*). Nesse sentido, as informações oriundas dos meios de comunicação afetam de forma mais ativa os formadores de opinião e de forma menos ativa outros segmentos da massa. Os líderes de opinião (*opinion leaders*) nesse ponto atuam como medianeiros da influência que os *mass media* exercem sobre os indivíduos (Schwatzenberg, 1998, Moraes & Santos, 2013, 2015).

lastreado por um partidarismo<sup>11</sup> pró Democrata, que fica latente, sobretudo em períodos de campanhas presidenciais, onde o jornal dá mais ênfase para assuntos no qual os republicanos são considerados “fracos” em gerar respostas (Puglisi, 2011).

Atualmente, o *NYT* continua figurando entre os mais importantes nomes da imprensa mundial, ficando atrás apenas do *Wall Street Journal* e *USA Today* (Golan, 2006). Assim como todos os outros jornais impressos, o *The New York Times* não ficou imune à crise econômica de 2008 e aos avanços do jornalismo digital e desde então vem buscando meios de sobreviver (Lima & Filho, 2012).

Mesmo sem deixar de investir no formato impresso, o *NYT*, que já mantém uma versão online desde 1996, vem mostrando sua capacidade de adaptação conquistando cada vez mais assinantes em sua versão online e fechando parcerias com empresas como *Facebook* e *Apple*, a fim de aumentar os lucros com a publicidade digital e atrair novos leitores.

### ***O estudo do The New York Times á partir da ferramenta Chronicles***

De antemão, podemos dizer que são insipientes e escassos os estudos que utilizam o *Chronicles* como fonte de dados em estudos empíricos. Porém, os resultados até agora esboçam que o jornal *The New York Times* detém grande influência na opinião pública. Em especial, existem dois estudos que elencamos a seguir que merecem destaque nesse tipo de análise.

Primeiro, em um engenhoso estudo empírico, Alexander Hillert e Michael Ungeheue tentaram identificar se o volume de publicações no *The New York Times* exerceu influencia no mercado de ações. Para tanto, eles coletaram dados referente a uma série de termos (relativas ao nome de empresas) e compararam com dados relativos aos valores destas empresas. Nesse sentido, foi encontrado um padrão de reversão do impacto nos retornos das ações consistentes com uma sobrevalorização cravada pela atenção publica. A cobertura da mídia é positivamente associada com o numero de acionistas em uma empresa e negativamente associado com o fundo mútuo de propriedade. De toda forma, podemos dizer que uma maior cobertura por parte do *The New York Times*, pode realmente levantar os preços das ações (temporariamente). Nesse ponto, como o maior volume de publicações no jornal aumentam temporariamente o valor das ações e sua liquidez, o excesso de visibilidade pode também ser negativo para investimentos líquidos no presente, afetando os investidores que tem o longo prazo como em vista (Hilbert & Ungeheuer, 2015).

---

<sup>11</sup> Este partidarismo não é incomum na imprensa norte-americana, ao que parece, existem evidências empíricas que permitem sustentar a premissa de que os jornais americanos parecem buscar atender aos gostos partidários dos leitores. Um estudo comparou a cobertura de escândalos políticos em 200 jornais americanos. Os resultados indicam que os jornais com tendências democratas (que explicitamente ou implicitamente apoiam candidatos e ou causas democratas) deram maior enquadramento a escândalos políticos que envolviam republicanos, enquanto os jornais com tendências republicanas davam maior enfoque a escândalos que envolviam o Partido Democrata (Puglisi & Snyder, 2011).

Podemos também elencar o estudo de Moraes (2015) que comparou a relação entre o volume de publicações no *The New York Times* sobre o tema Pena de morte, e o apoio público a pena capital mensurado através de pesquisas de opinião anuais do *Gallup*. Comparou-se também a relação entre o enquadramento anual do tema Pena de morte e eleições. Nesse sentido, o estudo descobriu que: 1) 54% do enquadramento de matérias sobre pena de morte no *The New York Times* são “consequências” de ciclos eleitorais (e de publicações sobre eleições no jornal). 2) 38% do aumento da favorabilidade e 24% da queda da desfavorabilidade dos estadunidenses em relação a pena de morte podem ser explicados pelo “fator” enquadramento do *The New York Times* para o tema pena de morte. Por um lado sinaliza que os “ciclos eleitorais” influenciam o comportamento do jornal, o que é esperável. Por outro, o jornal exerce influência significativa sobre a opinião pública estadunidense, pelo menos no que diz respeito ao tema pena de morte.

## Metodologia

Almond e Coleman definem que a comunicação não é só algo importante para o sistema político, mas é na verdade a *conditio sine qua non* para a existência do mesmo. Eles consideram que a comunicação e sua relação com variáveis políticas podem ser estudadas por quatro ângulos: a) a homogeneidade da informação política; b) a mobilidade; c) o volume e d) a direção da informação (Almond & Coleman, 2015). Esse estudo concentra-se, sobretudo, no efeito relacionado ao volume de informações. Neste trabalho optou-se por analisar três tipos de políticas de audiência, sendo elas: 1) Legalização da Maconha; 2) Legalização do Aborto; 3) Legalização do casamento gay. Considerando o grande nível de saliência (e de baixa complexidade) e também que são temas eminentemente políticos (e não técnicos), indubitavelmente são políticas muito sensíveis aos ânimos da opinião pública.

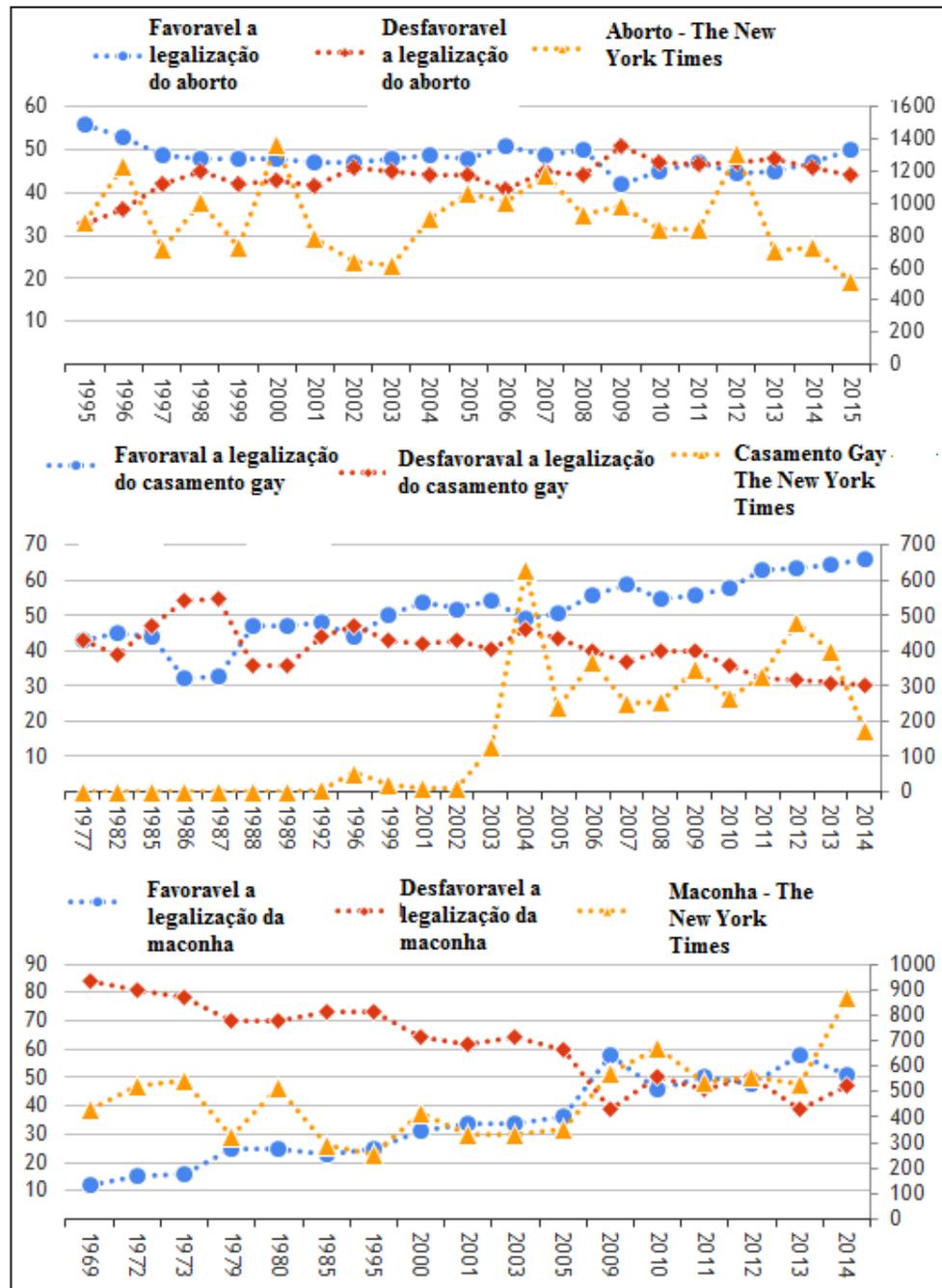
Sendo assim, o objetivo deste trabalho é responder a seguinte pergunta: O volume anual de publicações no *The New York Times* sobre políticas de audiência (maconha, casamento gay e aborto) afetam o nível da opinião pública? Considerando que o *NYT* é um jornal declaradamente liberal (e muito lido entre os formadores de opinião), levantou-se a hipótese de que quanto maior o volume de publicações em relação aos temas de política de audiência selecionados, maior será a favorabilidade dos americanos em relação a estes temas.

Utilizamos nesse trabalho para testar a hipótese, a metodologia proposta por Moraes (2015), onde se usam dados da ferramenta *Chronicles* e do *Gallup Institute*. Nesse sentido, foram geradas com a ferramenta *Chronicles* (<http://chronicle.nytlabs.com>) três frequências relativas ao volume de matérias que continham os seguintes termos: *Abortion*, *Marijuana*, *Gay Marriage*. Estas frequências foram comparadas com dados de pesquisas sobre a opinião pública dos americanos a respeito destas políticas de audiência. As amostras foram ajustadas, e a partir destes dados foram realizados testes para indicar correlações e também foram traçadas regressões lineares. Para todos os testes foi considerado o intervalo de confiança de 95%.

**Resultados**

A seguir traçamos uma representação gráfica contendo a evolução da opinião pública para cada um dos três temas elencados e também o volume de publicações anual de cada tema no *The New York Times*.

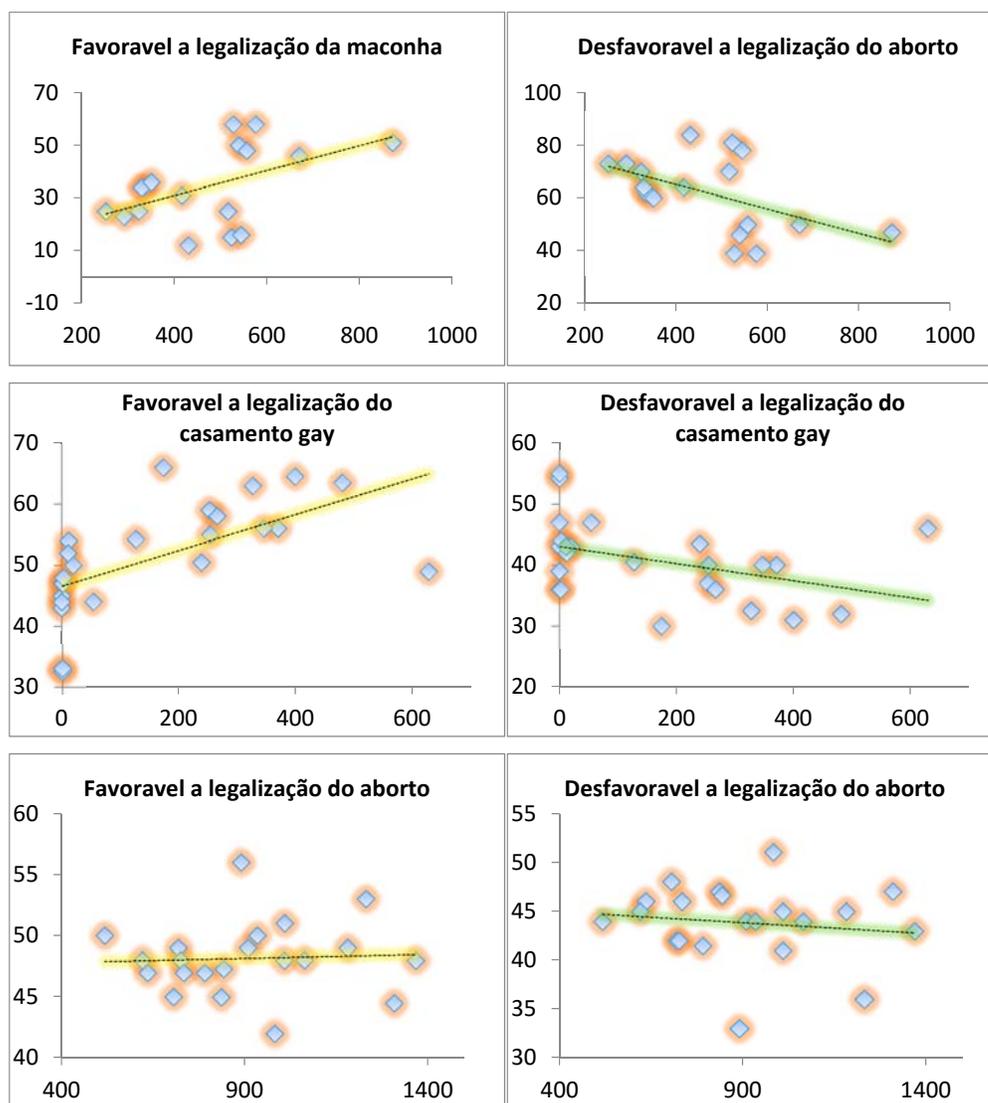
**Gráfico 1. Evolução da opinião pública dos americanos e de publicações no *The New York Times* sobre temas de política de audiência.**



Fonte: Elaboração dos autores a partir de dados do *Chronicles* e do *Gallup Institute*.

Observou-se no Gráfico 1 que os temas maconha e casamento gay, historicamente, vem ganhando mais espaço nas páginas do *The New York Times*. Todavia, o tema aborto apresenta um declínio linear. Quanto a opinião pública sobre os temas, é visível que em todos os casos houveram mudanças, menos significativas como no caso do tema legalização do aborto (um padrão mais inelástico) Para melhor demonstrar a relação entre as variáveis expomos a seguir gráficos de dispersão ilustrando o relacionamento entre elas.

**Gráfico 2. Dispersão entre a evolução da opinião pública dos americanos e as publicações no *The New York Times* sobre temas de política de audiência.**



Fonte: Elaboração dos autores a partir de dados do *Chronicles* e do *Gallup Institute*.

De forma sintética, podemos dizer, ao observar o comportamento das linhas de tendência que: a) As publicações do jornal influenciam para aumentar a favorabilidade no tema nos temas legalização do casamento gay e da maconha, b) As publicações do jornal influenciam para aumentar a favorabilidade (e diminuir a desfavorabilidade) no tema nos temas legalização do casamento gay e da maconha, c) aparentemente o jornal não influenciou a opinião dos estadunidenses sobre o tema aborto. Para melhor compreender tais relações, vamos realizar correlações, estudos de regressão, considerando as publicações do jornal e a opinião pública para cada um dos três temas. Inicialmente traçamos na tabela a seguir uma correlação entre a opinião pública dos estadunidenses sobre o tema legalização da maconha e o volume de publicações no jornal.

**Tabela 3. Correlação entre publicações no *The New York Times* e a opinião pública sobre o tema maconha**

		Favoravel_Legalização_Maconha	Desfavoravel_Legalização_Maconha	The_New_York_Times_Marijuana
Favoravel_Legalização_Maconha	Correlação de Pearson	1	-,997**	,496*
	Sig. (2 extremidades)		,000	,043
	N	17	17	17
Desfavoravel_Legalização_Maconha	Correlação de Pearson	-,997**	1	-,505*
	Sig. (2 extremidades)	,000		,039
	N	17	17	17
The_New_York_Times_Marijuana	Correlação de Pearson	,496*	-,505*	1
	Sig. (2 extremidades)	,043	,039	
	N	17	17	17

\*\* . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

\* . A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

Fonte: elaboração dos autores.

Ao estudar as correlações observou-se que entre o nível de publicações no *The New York Times* sobre o tema maconha existe consistente correlação positiva para com o crescimento da favorabilidade da legalização entre os americanos e também foi possível aferir correlação negativa, igualmente significativa para com a desfavorabilidade em relação à legalização da maconha. A seguir, ilustramos as regressões lineares traçadas que consideraram como variáveis dependentes as frequências relativas à opinião pública dos americanos em relação à legalização da maconha e como variável independente o volume de publicação anual no *NYT* sobre o tema.

Tabela 4. Modelos de regressão linear

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa		
1 Desfavoravel_Legalização_Maconha.	,505 <sup>a1</sup>	,255	,205	12,82134		
2 Favoravel_Legalização_Maconha	,496 <sup>a2</sup>	,246	,196	13,40859		
Modelo	Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	F	Sig.	
1	Regressão	843,258	1	843,258	5,130	,039 <sup>b</sup>
	Resíduos	2465,801	15	164,387		
	Total	3309,059	16			
2	Regressão	881,382	1	881,382	4,902	,043 <sup>b</sup>
	Resíduos	2696,853	15	179,790		
	Total	3578,235	16			
Modelo	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.	
	B	Modelo padrão	Beta			
1	(Constante)	83,716	10,178		8,225	,000
	The_New_York_Times_Marijuana	-,046	,020	-,505	-2,265	,039
2	(Constante)	12,088	10,645		1,136	,274
	The_New_York_Times_Marijuana	,047	,021	,496	2,214	,043

a1.Variável dependente: Desfavoravel\_Legalização\_Maconha.

a2.Variável dependente: Variável dependente: Favoravel\_Legalização\_Maconha.

b. Preditores (Variável independente): The\_New\_York\_Times\_Marijuana

Fonte: Elaboração dos autores.

Em ambos os casos a regressão mostrou aderência estatística. Sendo que, no primeiro modelo (desfavorável a legalização da maconha), encontrou-se um r quadrado ajustado de ,205, o que significa que 20% do declínio desta variável pode ser explicada pelo fator *NYT*. Observou-se também no segundo modelo (Favorável à legalização da maconha) a evidência de que 19% da ascensão desta tendência guarda relação com as publicações do *NYT* sobre maconha. A seguir traçamos um quadro de correlação entre as publicações do jornal e a opinião publica estadunidense sobre a legalização do casamento gay.

**Tabela 5. Correlações entre publicações no *The New York Times* e a opinião pública sobre o tema casamento gay**

		Favoravel_Casamento_gay	Desfavoravel_Casamento_Gay	The_New_York_Times_Casamento_Gay
Favoravel_Casamento_gay	Correlação de Pearson	1	-,873**	,614**
	Sig. (2 extremidades)		,000	,001
	N	24	24	24
Desfavoravel_Casamento_Gay	Correlação de Pearson	-,873**	1	-,403*
	Sig. (2 extremidades)	,000		,050
	N	24	24	24
The_New_York_Times_Casamento_Gay	Correlação de Pearson	,614**	-,403	1
	Sig. (2 extremidades)	,001	,051	
	N	24	24	24

\*\* . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

\* . A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

Fonte: Elaboração dos autores.

Ao estudar as correlações para com as publicações no *The New York Times* foi encontrada consistente correlação positiva para com a favorabilidade ao casamento gay e negativa quanto a desfavorabilidade. Para melhor interpretar esta relação foram traçadas a seguir regressões lineares considerando como variável dependente a opinião dos americanos sobre o tema casamento gay e como variável independente o volume anual de publicações no *NYT* sobre casamento gay.

**Tabela 6. Modelos de regressão linear**

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa		
1 Favoravel_Casamento_gay	,614 <sup>a</sup>	,377	,349	7,16380		
2 Desfavoravel_Casamento_Gay	,403 <sup>a2</sup>	,163	,125	6,06485		
Modelo	Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	F	Sig.	
1	Regressão	684,143	1	684,143	13,331	,001 <sup>b</sup>
	Resíduos	1129,042	22	51,320		
	Total	1813,185	23			
2	Regressão	329,353	1	329,353	11,917	,002 <sup>b</sup>
	Resíduos	939,647	34	27,637		
	Total	1269,000	35			
Modelo	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.	
	B	Modelo padrão	Beta			
1	(Constante)	46,592	1,973		23,618	,000
	The_New_York_Times_Casamento_Gay	,029	,008	,614	3,651	,001
2	(Constante)	43,054	1,670		25,779	,000
	The_New_York_Times_Casamento_Gay	-,014	,007	-,403	-2,067	,050

a1.Variável dependente: Favoravel\_Casamento\_gay.

a2.Variável dependente: Desfavoravel\_Casamento\_Gay

b. Preditores (Variável independente): The\_New\_York\_Times\_Casamento\_Gay

Fonte: Elaboração dos autores.

Como pode se verificar, em ambos os casos, a regressão linear apresentou consistência estatística sendo que se pode atribuir 34% do aumento da favorabilidade em prol do casamento gay ao fator publicações no *NYT* e 12% da queda da desfavorabilidade também pode ser atribuída à mesma variável independente. Estes resultados reforçam a hipótese de que o *NYT* possui grande potencial de influência sobre a sociedade americana. A seguir, traçamos correlações entre as publicações no *The New York Times* sobre o tema aborto e a opinião pública sobre a legalização do mesmo.

**Tabela 7. Correlações entre publicações no *The New York Times* e a opinião pública sobre o tema aborto**

	A favor da legalização do aborto	Contra a legalização do aborto	The_New_york_Times_Abortion
Correlação de Pearson	1	-,913**	,053
Sig. (2 extremidades)		,000	,820
N	21	21	21
Correlação de Pearson	-,913**	1	-,132
Sig. (2 extremidades)	,000		,569
N	21	21	21
Correlação de Pearson	,053	-,132	1
The_New_york_Times_Abortion	,820	,569	
Sig. (2 extremidades)			
N	21	21	21

\*\* . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

Fonte: elaboração dos autores.

Não encontramos relações significativas entre as publicações no jornal e a opinião pública sobre o tema legalização do aborto. A seguir, traçamos regressões lineares considerando como variável independente as publicações no jornal e como variáveis dependentes a favorabilidade e a desfavorabilidade em relação a legalização do aborto.

**Tabela 8. Modelos de regressão linear entre publicações no *The New York Times* e o tema aborto**

Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa		
1 Pro_Choice	,053 <sup>a1</sup>	,003	-,050	3,057		
2 Pro_Life	,132 <sup>a2</sup>	,017	-,034	4,001		
Modelo	Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	F	Sig.	
1	Regressão	,495	1	,495	,053	,820 <sup>b</sup>
	Resíduos	177,557	19	9,345		
	Total	178,052	20			
2	Regressão	5,382	1	5,382	,336	,569 <sup>b</sup>
	Resíduos	304,227	19	16,012		
	Total	309,610	20			
Modelo	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.	
	B	Modelo padrão	Beta			
1	(Constante)	47,565	2,759		17,242	,000
	The_New_york_Times_Abortion	,001	,003	,053	,230	,820
2	(Constante)	45,893	3,611		12,710	,000
	The_New_york_Times_Abortion	-,002	,004	-,132	-,580	,569

a1.Variável dependente Pro\_Choice

a2.Variável dependente: Pro\_Life

b. Preditores (Variável independente): , The\_New\_york\_Times\_Abortion

Fonte: Elaboração dos autores.

Apesar das publicações do *The New York Times* terem causado algum nível consistente de influência sobre a opinião pública dos americanos no que tange os temas legalização da maconha e do casamento gay, o mesmo não pode se dizer sobre o tema aborto. De acordo com os dados apresentados, não há correlação significativa entre o fator publicações no *The New York Times* sobre o tema legalização do aborto e a opinião pública dos americanos. Este tema como variável dependente não se mostrou sensível ao efeito da variável independente publicação no NYT. O fato da maioria dos americanos ser adepto da religião protestante (principal grupo de frente do movimento *Pro-life*) pode ser responsável por essa imobilidade da opinião pública. De toda forma, também há de se considerar que o jornal *The New York Times* vem dando cada vez menos atenção ao tema.

### Considerações Finais

O processo de formação da opinião pública nem sempre é tão inteligível e boa parte das vezes, guarda relação com variáveis independentes difíceis de identificar. Essa investigação teve como objetivo analisar, isoladamente, o efeito que as publicações do *The New York Times* tiveram sobre a opinião pública dos americanos em relação a três políticas de audiência, sendo elas: 1) Maconha; 1) Casamento Gay e 3) Aborto. Como o NYT tem um perfil declaradamente liberal, buscou-se trabalhar com a

hipótese de que o volume de publicações sobre esses temas aumenta a favorabilidade dos americanos em relação a estes temas.

Os resultados apresentados sinalizam que essa hipótese detém relativa aderência, visto que, foram encontradas evidências de que o jornal *NYT* afetou a opinião dos americanos em relação aos temas maconha (20% do aumento da favorabilidade e 19% da queda da desfavorabilidade) e casamento gay (34% do aumento da favorabilidade e 12% da queda da desfavorabilidade), todavia, não foram observados sinais de que o *NYT* tenha conseguido gerar influência no que diz respeito ao aborto. Ao que parece, outras variáveis independentes, como a religião, podem exercer mais influência do que os meios de comunicação na opinião pública dos americanos quando o tema é a legalização do aborto.

De toda forma, essa pesquisa demonstra que nos Estados Unidos, o *The New York Times* (e possivelmente outros jornais e meios de comunicação) pode exercer significativa influência sobre a opinião pública quando o assunto é política de audiência. Este estudo é exploratório e de escopo limitado, todavia, sugerimos que a metodologia apresentada pode ser utilizada para estudar a influência que o jornal *NYT* exerce na opinião pública dos americanos em uma larga categoria de temas.

## Referências

- Almond, G. A., & Coleman, J. S. (Eds.). (2015). *The politics of the developing areas*. Princeton University Press.
- Andrei, A., & Branda, A. (2015). Abortion Policy and Social Suffering: the objectification of Romanian women's bodies under communism (1966–1989). *Women's History Review*, (ahead-of-print), 1-19.
- Bertoldi, M. E., Pereira, a. M., Christino, c., Cordeiro, k. S., Lopes, g. X., & Santos S.G H. (2014). Aborto: uma visão legal e biomédica. *JICEX*, 1(1).
- Cabral, B. F. (2009). Precedentes sobre a prática de aborto no direito norte-americano de 1973 a 2007. *Revista Jus Navigandi*, Teresina, [ano 14](#), [n. 2224](#), [3 ago.](#)
- Cotteret, J.M.& Emeri, C (1974). Les facteurs locaux de la vie politique nationale. Institut d'études politiques de Bordeaux. Centre d'étude et de recherche sur la vie locale.
- Ferraz, M. C. (2015). Religião e homossexualidade nos Estados Unidos: vertentes liberais e conservadoras em debate. *Anais dos Simpósios da ABHR*, 14.
- Freed, A. F. (2015). Pro-choice and pro-life. *The International Encyclopedia of Human Sexuality*.
- Globo.Com. (2015) Suprema Corte dos EUA aprova o casamento gay em todo o país. *G1*, São Paulo, 26 de jun.

- Golan, G. (2006). Inter-media agenda setting and global news coverage: Assessing the influence of *The New York Times* on three network television evening news programs. *Journalism studies*, 7(2), 323-333.
- Gormley Jr, W. T. (1986). Regulatory issue networks in a federal system. *Polity*, 595-620.
- Grimes, D. A., Benson, J., Singh, S., Romero, M., Ganatra, B., Okonofua, F. E., & Shah, I. H. (2006). Unsafe abortion: the preventable pandemic. *The Lancet*, 368(9550), 1908-1919.
- Hillert, A., & Ungeheuer, M. (2015). Ninety Years of Media Coverage and the Cross-Section of Stock Returns. *Available at SSRN 2689652*.
- Kormondy, E. J., & Brown, D. E. (1998). *Fundamentals of human ecology*(Vol. 503). Upper Saddle River: Prentice Hall.
- Lima, J. R., & dos Santos Filho, I. O. (2012). O jornal norte-americano: *The New York Times*. *Revista Eletrônica de Comunicação*, 7(1).
- McBride, D. E., & Parry, J. A. (2014). *Women's rights in the USA: Policy debates and gender roles*. Routledge.
- Moraes, T. P. B. (2015). Pena de morte nas páginas do *The New York Times*. Um estudo sobre a relação entre punição capital, eleições e opinião pública. *Revista Internacional de Investigación en Ciencias Sociales*, 11(2), 223-240.
- Moraes, T. P. B., & dos Santos, R. M. (2015). Caça ao terrorismo e corrida eleitoral. Um estudo sobre o impacto do interesse regional pela morte de Osama bin Laden e a relação com os votos nas eleições presidenciais de 2012 nos Estados Unidos. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, 37(1), 13-20.
- Moraes, T. P. B., & Santos, R. M. (2013). Os Protestos no Brasil: Um estudo sobre as pesquisas na web, e o caso da Primavera Brasileira. *Revista Internacional de Investigación en Ciencias Sociales*, 9(2), 193-206.
- Paganotti, I. *Pelos olhos de um observador estrangeiro: representações do Brasil na cobertura do correspondente Larry Rohter pelo New York Times* (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo).
- Powell, B., Quadlin, N. Y., & Pizmony-Levy, O. (2015). Public Opinion, the Courts, and Same-sex Marriage Four Lessons Learned. *Social Currents*, 2(1), 3-12.
- Puglisi, R. (2011). Being *The New York Times*: the political behaviour of a newspaper. *The BE Journal of Economic Analysis & Policy*, 11(1).
- Puglisi, R., & Snyder, J. M. (2011). Newspaper coverage of political scandals. *The Journal of Politics*, 73(03), 931-950.
- Rochat, R. W. (2015). A mortalidade materna por aborto pode ser eliminada?: acreditamos que a resposta seja sim. *Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano*, 25(1), 125-127.

Schwartzenberg, R. G. (1998). *La politique mensonge*. Odile Jacob.

Sedgh, G., Henshaw, S., Singh, S., Åhman, E., & Shah, I. H. (2007). Induced abortion: estimated rates and trends worldwide. *The Lancet*, 370(9595), 1338-1345.

Série " Vie locale". 2. *Revue française de science politique*, v. 24, n. 2, p. 361-363, 1974.

Wang, M. (2015). Crowdsourcing the landscape of cannabis (marijuana) of the contiguous United States. *Environment and Planning A*, 03.

Williams, D. K. (2015). The Partisan Trajectory of the American Pro-Life Movement: How a Liberal Catholic Campaign Became a Conservative Evangelical Cause. *Religions*, 6(2), 451-475.

# DESAFÍOS

ISSN 0124-4035 • ISSNNE 2145-5112

[dx.doi.org/10.12804/desafios](http://dx.doi.org/10.12804/desafios)



DESAFÍOS • NÚMERO 28-I • PP. 9-462  
UNIVERSIDAD DEL ROSARIO • BOGOTÁ  
[dx.doi.org/10.12804/desafios28.1.2016](http://dx.doi.org/10.12804/desafios28.1.2016)

## DOSSIER TEMÁTICO

### LA PARADIPLOMACIA Y LA POLÍTICA INTERNACIONAL DE LAS REGIONES

Introducción. Para entender la Paradiplomacia

*Zidane Zeraoui*

El contexto histórico para la reflexión teórica sobre el fenómeno de la paradiplomacia en el mundo globalizado

*David Sarquis*

Identidades compartidas: la centralidad de los lazos culturales como motor paradiplomático

*Victorino Morales Dávila y Carlos Manuel Reyes Silva*

A Paradiplomacia Financeira em Países Emergentes de Estrutura Federativa

*Nelson Bessa y Flávio Sombra*

Los pilares de las relaciones internacionales de los gobiernos locales de México: el caso de Baja California

*Rafael Velázquez Flores y Ernesto Alonso León Valdez*

La paradiplomacia de Nuevo León: un estudio de caso

*Luz Araceli González*

Bogotá, Cali y Medellín en el escenario internacional (2001-2012)

*Edgar Zamora Aviles*

La Política Internacional Subnacional: una propuesta para el abordaje del accionar contemporáneo en Argentina

*Mariana Calvento*

## SECCIÓN GENERAL

Comunidades epistémicas en los estudios de seguridad y la interpretación del orden mundial

*Gabriel Orozco*

La ciencia es ciencia de la ideología en Louis Althusser

*María Cecilia Padilla y Facundo Norberto Bey*

Diplomacia pública y América del Sur. De los conceptos a la práctica: Telesur y el caso venezolano

*Érico Sousa Matos*

## DOCUMENTOS DE REFLEXIÓN

Arquitectura institucional, contexto sociocultural e integridad electoral

*Dieter Nohlen*

## RESEÑA

Conflict Resolution and the Everyday Politics of International Intervention

*Christian Völkel*



Universidad del  
**Rosario**



# Maestría de Investigación en Política Comparada Convocatoria 2016-2018

## Objetivo

Esta maestría busca formar investigadores con destrezas teóricas y metodológicas para afrontar el estudio de los distintos fenómenos sociales de los que se ocupa la Política Comparada, entendida como un sub campo de la Ciencia Política.

## ¿A quién va dirigida?

La maestría va dirigida a profesionales de las Ciencias Sociales en general y de la Ciencia Política en particular, interesados en mejorar su bagaje teórico y habilidades metodológicas para describir e interpretar los problemas clave de la vida política de los distintos países de América Latina.

## Plan de estudios\*

### Formación general

Teoría política  
Política comparada  
Economía política comparada  
Historia política de América Latina  
Teoría de la Democracia

### Investigación

La Lógica de la investigación científica en los estudios de Política comparada  
Métodos cualitativos y mixtos  
Métodos cuantitativos  
Estadística aplicada a la Política comparada  
Taller de tesis I, II y III

### Especialización/Optativas\*\*

Partidos y Sistemas de Partidos  
Sociedad civil, movilización y participación  
Sistemas Políticos comparados  
Instituciones políticas  
Cortes de justicia y legislaturas en América Latina  
Elecciones y procesos electorales  
Comunicación política  
Opinión pública

## Profesores/as Departamento de Estudios Políticos

### Profesores/as de planta y eméritos

- Manuel Alcántara, Dr. Universidad Complutense de Madrid, España
- Santiago Basabe, Dr. Universidad Nacional de San Martín, Argentina
- Felipe Burbano de Lara, Dr. Universidad de Salamanca, España
- Carolina Curvale, Ph.D. New York University, EEUU
- Edison Hurtado, Dr. El Colegio de México, México
- Simón Pachano, Dr. Universidad de Salamanca, España
- Franklin Ramírez, Dr. (c) Universidad de París VIII-Saint Denis y Universidad Complutense de Madrid
- Carlos Espinosa, Ph.D. Universidad de Chicago, EEUU

### Profesores/as visitantes

- Carlos de la Torre, Ph.D. New School for Social Research, EEUU
- Flavia Freidenberg, Dra. Universidad de Salamanca, España
- Carlos Meléndez, Ph.D. Universidad de Notre Dame, EEUU
- John Polga, Ph.D. Universidad de Pittsburgh, EEUU
- Francisco Sánchez, Dr. Universidad de Salamanca, España

Presentación de solicitud de admisión: hasta el 27 de mayo de 2016.

WEB: [www.flacso.edu.ec](http://www.flacso.edu.ec)

INFORMES:

Correo electrónico: [sbasabe@flacso.edu.ec](mailto:sbasabe@flacso.edu.ec)

Teléfono: (593-2) 2946-800 (ext. 2802)

SIGUENOS EN:

 Política Comparada Maestría Flacso-Ecuador  pcomparadafl  
blog: <http://politicacomparadaflacsoecuador.blogspot.com>

